O Espelho de Maria

Maria era uma menina negra de olhos brilhantes e cabelos crespos que dançavam quando o vento passava.

Todas as manhãs, ela parava diante do espelho e observava seu rostinho.



Um dia, perguntou à sua avó:

— Vovó, quem me deu esta cor tão bonita?

A avó sorriu, acariciou seu rosto e respondeu:

— A vida, minha menina. E junto com ela, você recebeu uma história que começou muito antes do seu nascimento.



Maria arregalou os olhos.

— Uma história? Onde ela está?

A avó colocou a mão sobre o coração da menina.

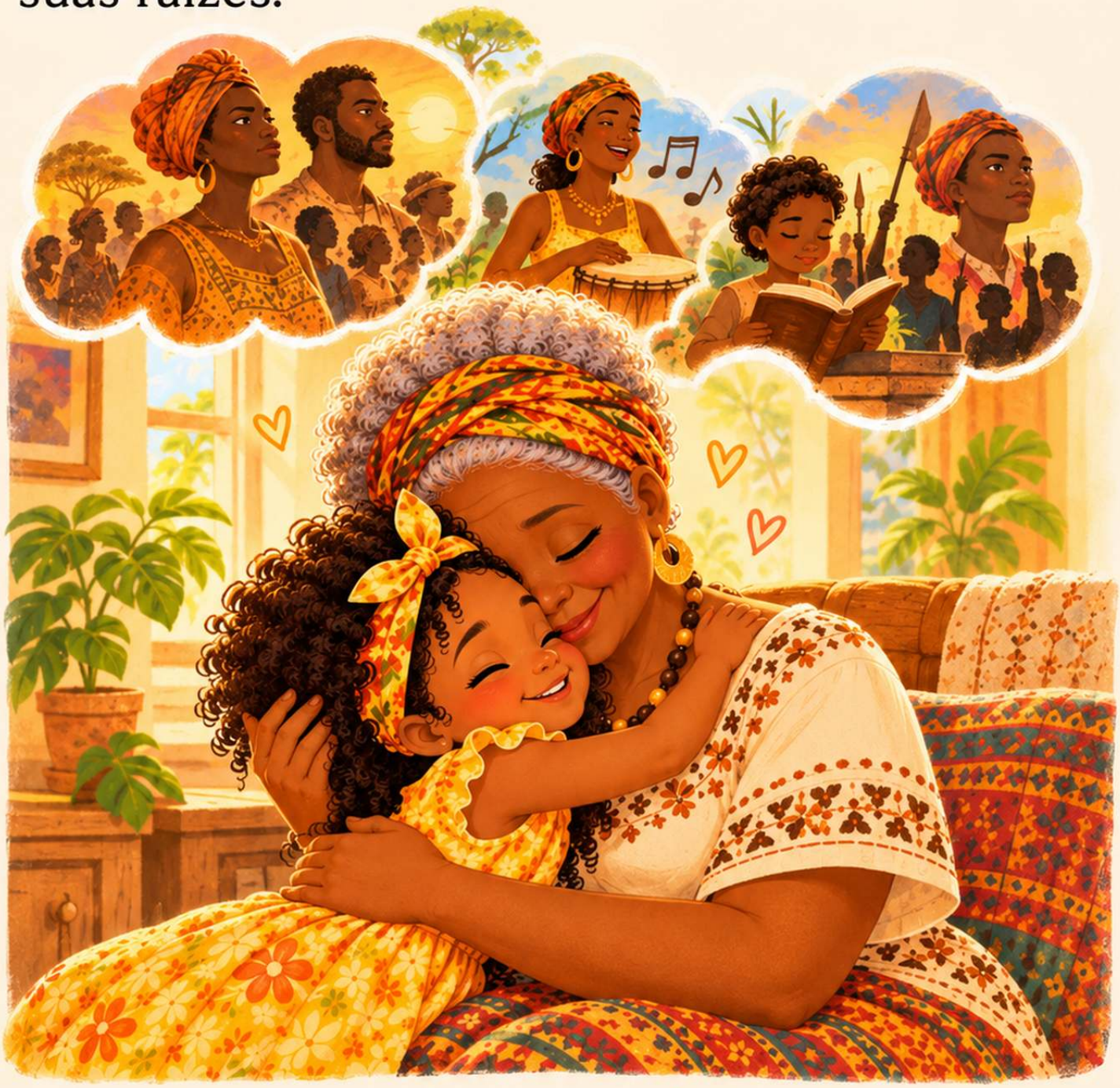
— Está aqui. Nas histórias dos nossos antepassados, nos costumes que aprendemos, nas músicas que cantamos, nos sabores que compartilhamos e na força de um povo que, mesmo enfrentando tantas injustiças, nunca deixou de lutar por liberdade e dignidade.



Maria abraçou a avó bem apertado.

— Então, quando olho para mim, também vejo todas essas pessoas?

— Sim, minha menina. Você não precisa carregar as dores de todos, mas pode conhecer suas histórias, honrar sua memória e ter orgulho das suas raízes.



Naquela noite, Maria voltou ao espelho. Dessa vez, não olhou apenas para seu rosto. Imaginou as gerações que vieram antes dela, as mãos que trabalharam, as vozes que cantaram, os sonhos que resistiram e os caminhos que foram abertos para que ela pudesse sonhar também. Passou os dedos pelos cabelos crespos e sorriu para sua própria imagem.

— Eu gosto de ser Maria. Gosto da minha pele, dos meus cabelos e da história que vive em mim.



A avó, que a observava da porta, perguntou:

— E sabe o que mais desejo para você, minha menina?

— O quê, vovó?

— Que você nunca permita que alguém faça você acreditar que vale menos por causa da cor da sua pele. E que nunca se cale diante de uma injustiça cometida contra você ou contra outra pessoa.

Maria correu para abraçá-la. Naquele abraço, sentiu que pertencer a uma história era como ter raízes profundas: mesmo quando o vento soprava forte, havia algo que a mantinha de pé.



E, antes de dormir, Maria fez um pedido às estrelas: Que todas as crianças negras pudessem crescer amando quem são. Que nenhuma criança precisasse sentir vergonha de sua cor. E que o mundo aprendesse, finalmente, que nenhuma pele é motivo para diminuir alguém.

Porque Maria descobriu que sua cor não era apenas a cor de sua pele. Era parte de sua identidade, de sua ancestralidade e de uma história que merecia ser contada.

E ela cresceria sabendo que suas raízes tinham valor, sua vida tinha importância e seu futuro lhe pertencia.

